

TENTAÇÃO

Ronaldo de Brito

Quando a vi pela primeira vez, numa velha História Sagrada, que minha mãe tinha trazido num caixote no seu acervo de professora primária, não houve susto, nem o embevecimento que meu coração conheceria depois, apenas notei-a, nos meus três anos, folheando o livro de páginas soltas e ilustrações em preto e branco, uns bicos-de-pena, talvez, eu sabia muito pouco naquele tempo. Com certeza não era uma pintura de Rubens, onde a vi muitas vezes mais tarde, rubra, tentadora, a pele macia dando para imaginar a delícia de tocá-la com os dedos, passar a língua de leve na sua carne, quase sentir o seu cheiro. Tentação. Palavra que meus sentidos não alcançavam ainda ou disfarçavam na idade, agarrando-me na mão do pai. E estes? Adão e Eva no paraíso, tentados pela serpente. No quadro inexpressivo, sem cor, ela era uma coisa minúscula, que mal me chamou a atenção e para a qual meus pais não me alertaram, era uma rotina nas nossas vidas, ela corrigia os cadernos dos seus alunos, ele consertava os arreios partidos de alguma sela, ou os dois davam nós numa interminável varanda de labirintos e meu irmão dormia, alheio aos meus interesses, cansado das correrias em cavalos, dos banhos em riachos, enquanto eu, já predestinado ao que seria, queimava os olhos na fraca luz de uma lamparina, buscando no velho livro os mistérios que a vida me mostrou de sobra. E estes? Os homens que açoitaram Cristo. Era a senha. Nem precisava disfarçar a minha crueldade, pactuando o mesmo horror dos pais, uma náusea cristã ao sofrimento repetido, o dedo minúsculo molhava-se de cuspe na boca também pequena e com um requinte de perverso esfregava as figuras dos judiadores de Cristo até arrancar-lhes os rostos.

Onde morávamos, um sertão de lajedos e cactos, era impossível encontrá-la e durante alguns anos o velho livro foi sua única presença. Imagem imprecisa que por fim desbotou-se totalmente, esfacelou-se, perdeu-se em páginas arrancadas, virou adubo de um chão estéril, onde com certeza nunca brotou, transformando-se de desenho em sonho. Por uns tempos. Meu pai decidira que devíamos estudar em escola de porte, que não nos tinha criado para sermos como as bestas. Isto muito me animou, pois minha mãe falava da cidade, das luzes, de objetos que o meu pensamento não conseguia materializar. Roda gigante. Como é? É uma roda gigante, você não compreende? Eu compreendia que tinha um cachorro chamado Gigante, dono de um rabo muito comprido, que se enrolava em roda, devia ser isto, roda gigante, o rabo do meu cachorro. Queria ir logo para a cidade, ver tudo que o horizonte aberto e plano do sertão parecia não me mostrar. Mas mostrava a meu irmão, vidente do sol e do vento daquele estepe.

Esquecido de seu tênue contorno, acelerado nas batidas do meu coração, desejando pular da boca ao mundo afora, partimos numa madrugada, entre o choro de minha mãe, os gritos de ordem do meu pai e as tristes despedidas do meu irmão. Só eu parecia predestinado a algum largo futuro, sem sustos, tamanha a coragem de menino com que me lançava na viagem, pensando em arcas e b a ú s misteriosos, todos por abrir. Certamente, nos nossos minguados pertences o velho livro não coubera e para tras ficava a única prova de tê-la visto e guardado em

impressões de dagarreótipo tudo o que a modesta criação de um artista fora capaz de materializar.

Com certeza, eu não tinha ido morar na cidade apenas para procurá-la, seria uma descarada mentira afirmar isto, eram milhares as imagens que buscava tornar concretas, eram incontáveis os números por precisar, os contornos a percorrer até a forma definitiva do que apenas intuía. E ali, naquela cidade, ela também não estava, não era de lá, como não era do sertão, que ficara longe. Mas, eram muitas as formas como ela me chegava e de tantas maneiras eu a vi, de tantos ângulos eu a examinei que poderia apostar que a conhecia, que não haveria susto no nosso primeiro encontro.

Nos primeiros anos tudo era novo, um interminável aprender, isto é uma procissão do Senhor dos Passos, com velas, batidas de matraca, um homem semi-morto carregando uma cruz, contrição, miséria, dor. Isto é o carnaval, sedas esvoaçantes ao apito de buzinas, música e gritos, embriaguez de lança-perfumes e a clareza de rostos ocultos por máscaras. Pareciam querer que eu escolhesse. Tantas eram as ofertas, a do Natal, que não conhecia com Papai Noel, nem com pinheiros verdes. A do cinema, este estonteante, com imagens em preto e branco e raramente em cores, um technicolor que os olhos também guardariam para sempre. No cinema reencontrei-a. A primeira vez nas mesmas cores do velho livro - o preto e o branco. A segunda vez em toda a pujança de cores, mais perto do seu real. Então, já não havia mais dúvidas do que ela era, faltando apenas experimentá-la.

Eu não sabia quando iria acontecer, na minha tenra idade estas coisas não tinham previsão, tudo era longe na cidade que parecia grande e hoje é pequena, as notícias chegavam devagar, havia um único avião de linha por semana, os jornais do cinema atrasavam anos. O toque da sua forma, seu estonteante perfume só viria a ser sentido muito mais tarde, quando o meu rosto já mostrava um buço e o meu corpo se avolumava em formas e inchaços. Até lá, me contentava em vê-la quando se apagavam as luzes do cinema, nos banquetes de gregos e romanos, entre cachos de uva e ânforas de vinho, maltratada pelas bocas e mãos de vís cidadãos romanos, de olhares corrompidos e viciosos. Buscava-a, no mais fundo da minha lembrança, apontada pelos dedos esguios de minha mãe, no quadro de uma Eva tentada e tentadora e ali ela estava, como a queria e imaginava, longe da cobiça de outros, como a vi a primeira vez e como um dia a haveria de ter. Até lá, legiões romanas se sucediam, trácios se degladiavam com frígios para prazer e gáudio de imperadores, Salaminas e Maratonas se repetiam em fitas e telas, guerreiros conquistavam terras distantes, mas a minha garantida conquista ainda estava por acontecer.

Um consolo parecia tornar menos penosa a minha penúria, a certeza de que poucos a tinham, poucos a tinham tido, ali naquela cidade, onde já disse tudo vinha de tão longe. A minha inveja tornava-se menos vergonhosa, o meu despeito aceitável. Para os outros, ela também se oferecia apenas em imagens, abundante nas formas, acessível e distante, grande parte das vezes envolta num misterioso manto azul. Através de Rubens vim conhecê-la em plena fúria da adolescência, quando buscávamos figuras ousadas para o deleite solitário, amparados nas nossas mãos sôfregas, generosas em nos dar o que não obtínhamos através de outras. Uma garagem da casa de uns primos escondiam os gemidos e as concupiscentes buscas dos meninos que éramos, a olhar aquela mágica aparição entre as pernas de uma Eva gorda de Rubens, apertando nós mesmos um agudo desejo entre as pernas, até nos molharmos e tombarmos em descanso.

Os meus primos nem a notavam naquele quadro, ou se a notava nunca fizeram uma única referência, o que me deixava cômico de ser o seu único aspirante, talvez senhor. Não era deste tempo que subíamos em bandos aos cabarés, onde putas adestradas faziam por nossas mãos o que elas estavam cansadas de fazer, este tempo ainda estava muito longe, antes dele o encontro aconteceria.

A minha casa, de onde saía para o colégio, para um parque que ficava em frente, para os cinemas que ficavam perto, era simples como as nossas posses, mas o meu ar de menino inteligente me garantia a entrada nas casas das pessoas ricas, onde sempre esperei encontrá-la, em vão. Embalei-me com Glen Müller, viajei em cadilaques rabo-de-peixe, ouvi Nat King Cole, Mahelia, Sara, em radiolas de alta fidelidade, com o único crédito do meu ar desamparado, de quem procurava sem encontrar. Chegaria o dia, e Eleonora, de cabelos castanhos e olhos amendoados de anjo anunciador, de cima de seus treze anos e de posse de uns peitos incipientes, me garantiu o encontro. Jura? Juro. É só papai viajar. E ele viajava sempre, pelas asas da Real, trazendo garfinhos e colherinhas de plástico, que valiam dezenas de figurinhas de álbuns dos meninos tolos como eu, desejosos de conhecer o mundo de fora. Jura? Perdi-me na espera de viagens, nas cobranças encabuladas, longe do olhar dos pais. E aí? Você jurou. Esqueci. Espere a próxima viagem, esperava até esquecer a promessa e tê-la apenas na garagem dos primos, de olhos fechados, entre gemidos esparsos.

Perdía-me pelas ruas em devaneios e buscas, perplexo agitava o turíbulo cheio de brasas, onde um padre colérico aspergia incenso, entre sermões e ameaças do fogo eterno, acordando-me para uma missa que já se findava, enquanto ainda repetia o introibo ad altare Dei. Filho, mais atenção ao latim, sua língua parece trôpega, o que está acontecendo? Eu não sabia pensar em mais nada, nem nos anjos que subiam no altar luminoso da virgem, para coroá-la de pequenas rosas mesquitas. As mãos dos anjos eram as mãos de Eva segurando-a. As minhas mãos profanas arrancavam uma por uma as penas das asas angelicais, a faixa de cetim dourado, a túnica de seda branca, entre música e luzes, fogos e vivas.

Absorvido em trabalheiras sem fim, meu pai não me via, meu irmão trocara o cavalo por bicicletas e a rua era o seu campo, minha mãe corrigia cadernos e vez por outra me dirigia um olhar consternado, sem compreender minha inquietação. Já estava longe o tempo em que folheávamos o velho livro, onde a vi pela primeira vez. Os labirintos de agora eram tecidos em sonhos, quando toda família, finalmente dormia.

Minha única esperança era Eleonora, sempre me evitando, esquecida da promessa que era a luz da minha insanidade, e nada para ela, plena, cheia de tudo, com aqueles olhos que pareciam me desprezar, enquanto eu definhava, cada dia mais assíduo na garagem dos primos, passando vinte vezes em frente à casa dela, os deveres do colégio abandonados, arriscando-me a deixar de ser o aluno brilhante, os olhos num outro brilho, o magnífico prateado das asas dos aviões da Real.

Separada de mim por um portão de ferro, vi Eleonora, quando passei e timidamente arrisquei perguntar por ela, apenas por hábito, aguardando a conhecida desculpa. Desta vez, os seus olhos falaram e eu ouvi bem, ela disse, meu pai chegou de viagem e trouxe, está lá dentro, vou buscar, fiquei apavorado, quis correr para casa, mas Eleonora já estava de volta, trazendo-a na mão, envolta naquele véu que

haveria de jogar fora mil vezes, nas mil vezes em que voltaria a tê-la entre as mãos, para meu deleite sem culpas, quando as estradas há muito eram asfaltadas, e os caminhões de transporte corriam livremente, transportando caixotes de madeira com misteriosos nomes estrangeiros. Tome, coma. A cena do paraíso se repetia. O menino voltava a perguntar ao pai. E estes? Adão e Eva sendo tentados pela serpente. Milhares de anos de história se desembrulhavam na minha cabeça, enquanto estirava a mão, sem coragem de segurá-la, sem saber como, tinha-a visto de tantas maneiras, tinha desejado tanto, afinal, ela era só isto, era tudo aquilo, rubra, me falando, me tentando, eu quis chorar, não iria tocá-la. Toma seu besta. É tua. Eleonora não compreendia minha emoção de menino, minha covardia. Toma, senão, não dou mais, Agarrei-a, bruto, possesso, Adão repetia o gesto milenar, pegava entre as mãos uma maçã, uma maçã vinda de longe, da Argentina.